



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

21 DE NOVEMBRO DE 1964
ANO XX — N.º 540 — Preço 18

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALER DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZEANUAL
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSICÃO E IMPRESSÃO: NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

O correio chegou. Uma carta de Trás-os-Montes, traz-nos notícia de um quadro miserável, muitas vezes conhecido. Era uma Família. O pai matou e está preso. A mãe abandonou-se a vários e vive com um homem «da sua igualha», que, por ela, deixou mulher e filhos. Afinal, eram duas Famílias e agora não é nenhuma! Um rapazito de 13 anos, «muito vivo» — informa o meu correspondente — «tem andado nas montanhas a guardar gado. Como era maltratado, resolveu abandonar o posto e veio para casa de sua mãe».

Pobre do pequeno! Trocou maus tratos por maus tratos, porque «a mãe vê-o com maus olhos e o amante dela, pior!» Agora, «anda a trabalhar no campo, arrastando pedras com que mal pode, pois ele é pele e osso e anda quase nu».

Há ainda uma irmã de 10 anos... Há a promiscuidade... Mas deixemos mais quadro, para pensarmos no que já está à vista.

Todos, decerto, perceberam que o meu correspondente, arrepiado com o drama que expõe, me pede que tome o pequeno e o ajude a libertar dali a pequenita, senão... «a menina seguirá o caminho de sua mãe».

Tem razões o meu correspondente para se angustiar e, com certeza, não se engana na sua previsão. Também nós nos doemos, talvez mais ainda na razão do que na sensibilidade, porque este quadro nos é muitas vezes conhecido.

Ora bem. Estas crianças pertenceram a uma Família que hoje não o é. O pai matou — foi condenado. E a mãe? e o amante da mãe?, que destruiu por causa dela a sua Família — esses não têm crime?! Esses são livres de construir sobre os cadáveres de duas Famílias despedaçadas uma terceira hipótese de Família? Se eles não são mãe nem pai, capazes dos filhos dos seus matrimónios — sê-lo-ão dos filhos da mancebia?

Assim como a destes dois garotos que o meu correspondente apresenta, será, talvez, a sorte dos filhos do companheiro de sua mãe, a menos que a esposa dele seja mulher no seu lugar, seja Mãe. Porém, ainda assim, essas outras crianças não-de passar privações injustas, todas enraizadas na privação do pai, que existe e anda à solta porque não assassinou ninguém, posto tenha morto uma Família e sido cúmplice no resto da morte doutra.

Cont. na TERCEIRA página

SETUBAL

Por
Padre Acílio

No penúltimo «Gaiato» pus-me a pedir: Duas máquinas de descascar batatas e uma de lavar roupa. Muita gente falou. Muitos se riram e terão — quem sabe? — criticado... Eu esperava e espero. Tenho necessidade urgente delas. Não sei como me poderei governar. Não me importo com nada. É a necessidade das máquinas.

Até hoje apareceu um anónimo, escondido na sua grandeza de alma, a oferecer-me por um terceiro três mil escudos para ajuda das máquinas e... mais ninguém. As de descascar batatas custam nove mil cada. Vou comprar, ao menos, uma. A de lavar a roupa vai para dezasseis.

Há meses um senhor foi a uma das nossas Casas, observou o rudimentar modo de descas-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



O «Alijó» e o «Dado» são dois bons amigos!

Aqui Lisboa

QUEREMOS protestar. Há muita gente que não sabe ainda o que é uma Casa do Gaiato. Não é, não senhor, um lugar destinado aos «meninos maus» nem aqueles que são insusceptíveis de aproveitamento escolar. É, isso sim, e pretende sê-lo cada vez mais, «uma casa de família para os sem família».

Não pretendemos resolver todos os problemas da juventude e a Obra da Rua não é panaceia para todos os casos. Pode haver tentações perante os dramas que se nos deparam, mas temos de ser humildes ao encarar as possibilidades limitadas da nossa acção. Demais, há outras Instituições, muitas delas especializadas, para os diversos tipos de males. Por exemplo: não podemos nem devemos receber crianças deficientes mentais, incapazes de aproveitamento escolar nas escolas especializadas que possuímos para rapazes atrasados, mas recuperáveis. Permitir isso seria matar uma «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», onde tudo é realizado pelos jovens que temos ao nosso cuidado, segundo as possibilidades de cada um. Afirmar isto não é negar as necessidades deste tipo de crianças; é afirmar humildemente a nossa pequenez.

OBRAS. Sonhamos com elas. Estão para breve. Entre o pensamento e a acção há, por vezes, tempos que não deixam de ser criadores. Sonhamos e temos fé. Dizemos isto na Festa de Cristo Rei. Consagrados ao Santíssimo Nome de Jesus,

Cont. na QUARTA página

Areias do Cavaco

O CORREU, há dias, a festa litúrgica de todos os Santos. Festa dos membros da Família de Deus. Antes queria chamar-lhe festa de todos os homens. É que todos os homens são incorporados em Cristo pelo Baptismo; participam da mesma Vida do Filho; são filhos no Filho; têm o mesmo Pai; são membros da mesma Família. Porque assim é, a Festa de Todos os Santos devia poder chamar-se festa de todos os homens.

Quis Deus que a Sua Família na terra, vivesse à maneira de um Corpo. Um Corpo grandioso que tem por cabeça o próprio Filho e por membros todos os homens baptizados.

Quando acontece que alguma parte do corpo físico adoce ou sofre, os membros são sentem-se «responsáveis» pela sorte do membro doente. Redobram de esforços. Canalizam todas as energias disponíveis para acudir ao mal, a tempo e horas. De contrário, eles mesmos viriam a ser contagiados. Ajudando o membro doente, ajudam-se a si próprios também. Que maravilha da natureza!

Esta analogia tirada do corpo físico traz muita luz ao que deve ser o comportamento dos membros da família humana, nas suas relações mútuas.

Também na sociedade há membros doentes. Também os há sãos, robustos, cheios de saúde. Há-os caídos na berma da estrada, semi-vivos, assaltados pelos «ladrões» da sua digni-

Cont. na SEGUNDA página

ágina

levar e seja Senhor Seria divina m, que irmão, i mais até ao , pois, soante , para lio-na. mor é cruz! dá de ui de quem Silva para- ades é quem certo,

ho, ao é a so no do os ararem

apista

tenho rdana- s em a 68, as no e usam

ram 5 menta. e veio almen- vou 3 comen- lcha e

que Lisboa, pron- i sem-

E que [frica? Reis e Paulino eguido. stusias- e todas «Fa-

o nosso

muitas os que- direct- ni mais nossa

us Mi- Or- gares

M. A.

Postal de Darbo

NO cemitériozinho incrivelmente abandonado desta aldeia de Darbo é que jaz quanto resta do nosso Domingos.

Porém, a piedade desta gente pelos seus mortos (que a incúria do Campo-Santo não nos deixa julgar muito viva) redime-se, feita caridade àquele jovem desconhecido que o mar trouxe: A sua campa é a única que não é quase terra rasa e onde algumas flores dizem do carinho dos vivos.

Darbo estende-se por uma encosta que mergulha na ria de Vigo. Do outro lado, um pouco mais ao poente, aparece no mar o rio Mignor, em cujo vale é o Convento de Villariño, onde Pai Américo deixou de vez o mundo.

Ao pé da sepultura daquele filho; frente aonde o pai se tinha «sepultado» para que a vida nova nascida daquela «morte» fôsse fonte de Vida para muitos — não podia deixar de vos rever a todos: àqueles que o Senhor já levou (e alguns, como o Domingos, de surpresa!) e a todos os que, estando ainda no mundo, não são para ser do mundo.

Esta velha certeza apareceu-me ali rejuvenescida pela força daqueles dois argumentos de presença. Aos meus pés, uns restos, horríveis restos (Eu vi-lhes o retrato), de quem abria como uma flor à vida, pujante de saúde, de simpatia e de esperanças. Tudo passou... O Domin-

gos ia sair da tropa e preparava-se para a alegria de viver por si, quanto neste mundo alguém vive por si. Pois para o mundo tudo passou... Dele, apenas resta: em nós, a sua afectuosa lembrança; para Deus, os merecimentos adquiridos durante a sua breve passagem pelo mundo.

Nem ele, nem ninguém, é do mundo. Este é que foi feito para os homens, para servir os homens na sua passagem para a Eternidade. Que dor ali senti por tantos «cegos», tantos!, que, apaixonados pelo mundo, se entregam a ele, como se ele fôra um fim — e são tragados pelo mundo, que acabará por os enterrar.

Mais longe, na outra margem, a lembrança de Pai Américo, da sua renúncia ao mundo, sou-me como um canto de desafio: — «Onde está, ó morte, a tua vitória?» — «Quando a imortalidade revestir o que é mortal, então se cumprirá a palavra da Escritura: A vitória absorveu a morte». Tudo será vitória. Tudo é vitória, eternamente.

Ali todos me passastes pela mente.

E eu pedi ao Senhor do Céu, de quem, como da fonte, brota na terra toda a paternidade — pedi-Lhe que ouvisse a prece daquele Pai que ali perto renunciou ao mundo para amar os homens sem reservas, e tenha salvo aquele filho e salve todos os filhos que aquele Pai gerou na dor e há-de continuar gerando na dor dos que fôrem chamados a segui-lo.

AREIAS DO CAVACO

Cont. da PRIMEIRA pág.

dade. E há os que passam ao lado, ativos, indiferentes — «Não te conheço». Há os que são vítimas da injustiça social; vivem acorrentados e sufocados pelos membros mais fortes, em contradição flagrante com a atitude dos membros do corpo físico, perante o membro doente do mesmo corpo.

Como fazer?

«Um homem descia de Jerusalém para Jericó. No caminho foi assaltado pelos ladrões que o deixaram semi-vivo, na beirada da estrada... Passou um samaritano, aproximou-se (amou-o), carregou-o sobre os ombros e levou-o à estalagem mais próxima...».

Faz como o samaritano e serás um membro vivo e digno da grande família humana.

— x —

O que nos destes — 200\$00 «para que mais depressa possam dar cama ao António». Para alegria nossa e de todos os que se responsabilizaram pela sorte do pequeno, quando estas linhas virem a luz, tê-lo-emos em nossa Casa. Uma caixa de massa, todos os meses, da padaria Santos Primo, de Benguela. Mosaicos da TAMA, Lobito. A simpatia com que nos recebem dá-nos coragem de lá voltarmos sempre que nos virmos aflitos. 200\$00, na Drogaria Coelho, Lobito. A Soc. Electro Mecânica

de Benguela deu-nos material e mão de obra em instalações eléctricas. Letra, já conhecida, da Catumbela, acompanha 120\$. Cabal diz baixinho que também está presente com 50\$00, «uma migalha da minha primeira renda». Que lindo este dar! Mais 150\$00 da Catumbela. 300\$00 mais 200\$00 de amigos que vieram pagar as assinaturas de «O Gaiato». Um saco de açúcar e tambor de óleo de palma da C. A. A. e que passemos por lá todos os meses. A EPAL tem estado sempre presente com peixe seco. As casas do costume vamos, semanalmente, pelo peixe fresco. Os 1.000\$00 da C. B. mais 500\$00 de A. P. resolvem-nos grandes aflições. Mais um saco de açúcar da SAC. Ao Lobito fomos pelo azeite e óleo e a certeza de que sempre nos ajudarão. Mais 100\$ em casa de um sacerdote amigo.

Os alfaiates não me largam. Precisam de uma máquina de costura; que não podem trabalhar assim. E é tão fácil calá-los: é só dizer onde ir buscar uma e a carrinha se encarrega do resto. Já pedimos por carta. Mas, como nem sequer veio resposta, é muito natural que a carta se tenha extraviado. Vamos tentar de novo. E se em vez de uma máquina vierem duas, melhor, pois ficam servidos os alfaiates mais a Senhoras, que também precisam para costurar.

Padre Manuel António

Belém... Vai fazer seis anos pela Festa de Jesus Menino. Nasceu por amor dEle, em louvor dEle, assim a jeito de prenda de anos.

Belém... Eu ponho-me às vezes a pensar se não terei escolhido mal tão lindo nome para tal Obra. Não por causa das surpresas ou desenganos que dentro da mesma tenha encontrado, pois têm sido poucos. Houve, graças a Deus, muito realismo na apreciação da matéria prima a trabalhar e no pesar das dificuldades que, inevitavelmente, surgiriam, de dentro e de fora. Mas por causa das contradições, mal entendidos e perplexidades a que tem dado origem.

Ponho-me às vezes a pensar se não terei escolhido mal tão lindo nome... Mas não! Acabo sempre por descobrir em tal cogitar a sombra do desalento e reajo.

Remar contra a maré é sempre duro. Remar contra muitas marés é duríssimo.

Muitas marés, sim!

A dos que só compreendem o que é talhado segundo a sua própria mentalidade e se fecham às ideias dos outros.

A dos oportunistas, sempre prontos a tirar partido de tudo e de todos para resolver os seus problemas mais os dos compadres e afilhados. A dos bem ins-



talados, para quem Natal significa bons pitéus, laroira bem acesa, árvore resplendente de luzes e prendas, sapatinho na chaminé. A dos auto-suficientes, incapazes de pôr interesse em ideia ou obra que venha doutrem, mas sempre prontos a criticar aquilo que não conhecem nem compreendem e muito menos vivem.

E mais, muitas mais marés contra as quais é preciso remar sem desfalecimento.

Eu prometo ir relatando, futuramente, factos do dia a dia que concretizem as ideias aqui agora expostas.

Para já e porque estamos a entrar no tempo santo do Advento, com que coincide o tempo da preparação próxima para o nascimento de Belém, aqui deixo entregues à meditação dos nossos estimados Benfeitores estas interrogações, que poderão talvez

ajudá-los à preparação para o Natal de Jesus.

Porque será que tantos têm dificuldade em compreender Belém?

Porque será que tantos, que só a conhecem de nome, a idealizam tão diferente do que na realidade é?

Que pensa dela o leitor?

Continuemos agora o diálogo através da nota de presenças.

Presentes, todos os meses, com a contribuição do costume: Helena, de Lisboa, que nos deu, nas férias, o prazer da sua visita; Padrinho da Janjinha e anónimo, ambos também da capital; de Viseu, Casal de Cursistas, pai da Gracindinha, Farmácia Confiança e Irmão Valles.

Outro Casal de Benfeitores de Viseu, com 300\$00 e ainda outro com roupas e calçado.

Mais roupas de uma Professora de Pombal, de uma Mãe Alentejana, de Vila Nova de Famalicão, do Porto, de Vildemoínhos e de Isabel do Porto.

De S. Pedro de Muel um relógio de pulso.

Uma rapariga do Baixo Alentejo enviou 20\$00 e pediu duma oração. De Paços de

Ferreira, 100\$00 — «Tenho onze filhos e sei o que custa vesti-los e alimentá-los».

Do Porto, 2.500\$00 em vale, «contribuição de minha família em acção de graças por muitos favores recebidos de Nosso Senhor».

O Casal R. D., de Viseu, também marcou presença mais que uma vez, como sempre, nas datas de aniversários. 150\$00 «para a Casa Nova», sem mais uma palavra, da Nazaré. «Duma Senhora de Viseu», mil debaixo da porta da Casa de meus Pais. Uma Maria, de Paranhos, enviou 50\$00.

De Coimbra, Beatriz voltou com 100\$00 e pedido de orações. 500\$00 de Maria do Sagrado Coração. Ass. 33503 depositou 100\$00 no Montepio de Lisboa e Mademoiselle Albinana 25\$00. Conceição de Lisboa, enviou um par de sapatos.

A nossa velha Amiga Snr.^a D. Isaura, atendeu o pedido da Fatinha e enviou raízes, tubérculos, bolbos e sementes de plantas de jardim.

De Paço de Sousa vales de 3.350\$00, 300\$00 e 210\$00

totais de donativos ali entregues e ainda muitas roupas, calçado, brinquedos, etc., que o Snr. P.e Carlos trouxe em Setembro.

Gina Maria enviou vales de 70\$00, 57\$50 e 50\$00. Dois dolars de Newark, América.

Por fim, mais outra Benfeitora que se queixa de que nos C. T. T. não aceitam vales de que conste só o meu nome próprio. É demasiado simples, não é? Dificuldades semelhantes tenho encontrado, por causa da simplicidade do nome da Obra — Belém!

Pois, Senhoras e Senhores, lá por isso não deixem de enviar a vossa esmola. Escrevam Inês Amaral.

Que o Menino Jesus se meta de permeio, agora pelo Advento e Natal e faça voltar as vossas atenções para Belém, que tão esquecida tem andado.

Temos dado poucas notícias e há tanto a quem dar...

A nossa dívida continua a ser de 333 contos.

Bem hajam os perseverantes.

INES

Belém — Vildemoínhos — Viseu

Visado pela

Comissão de Censura



TRIBUNA de Coimbra

Há meses já que alguém tinha chamado por nós. Agora o telefone insistiu por outras bocas. Quisemos acreditar, mas não o fizemos plenamente. Prometemos passar domingo à noite.

Passámos. Conversámos. Fomos certificar-nos. Primeiro começámos por ir ver a mãe ao hospital. Os filhinhos fugiam de a ir ver, com medo. De há muito tinha ataques epiléticos e uma vez caiu ao lume. Ficou em chaga. Agora cicatrizou, mas ficou medonha, com a boca aberta a chegar aos peitos e demente.

O pai trabalha, ganha, bebe e goza com amantes. Perdeu a responsabilidade de homem e de pai. Perdeu o sentido da sua existência. Animalizou-se.

Era domingo à noite e os dois pequenitos estavam à porta do pardieiro que habitam. O interior é de fumo. O recheio é de latas, farrapos e lixo. O chão é de saibro molhado. Pergunto se posso entrar e o mais velhito responde que o pai não deixa. Faz o pai muito bem. Faz muito bem não deixar lá entrar ninguém decente. Mas muito melhor faria se não consentisse aos seus e a si próprio habitar ali, pois ganha para pagar uma renda modesta.

Era domingo à noite e os dois pequenitos tinham nos olhos e no corpo a miséria toda do mundo todo. Mundo que não conhece nem ama o seu Senhor. O mais velhito, de 6 anos, roto e muito sujo, com o cabelo a cobrir-lhe as orelhas, tinha na cara a tristeza de todas as crianças abandonadas. O pequenino, de 4, muito enfezado, sômente com uma camisolita suja e a barriga muito dilatada.

Aquela hora eu havia encontrado centenas de crianças a brincar e felizes. Aqueles dois só tinham saído para ir à sopa que lhes é dada todos os dias à maneira de esmola. À maneira de esmola — dizemos — porque nos habituámos a fazer esmola mesmo quando fazemos justiça e cumprimos um dever. Ficamos satisfeitos e tranquilos quando enchemos à boca e o coração com a caridade que nos pareceu fazer, porque perdemos a consciência cristã da justiça.

Em frente do pardieiro passa a rua principal da terra. Passa por ali toda a gente e eu também por ali tenho passado vezes sem conta. Passam os cristãos em cortejo e não tinham dado pela presença do Senhor ali tão crucificado. Foi assim que eu O vi no domingo à noite. Foi a Ele mesmo que acitei na Casa do Gaiato na pessoa do mais velhito e foi a Ele que amei ao insistir no internamento no hospital do mais pequenino. A mãe continua assistida na enfermaria. O pai ficou livre para usar da liberdade de que já há tanto tempo abusava.

Embora alguma coisa contente, continuei insatisfeito. Insatisfeito com a mentalidade que tu e eu criámos. Habitámos-nos a ver e

a consentir o deffinamento destas famílias irmãs. Se nos incomodamos é para que os outros dêem a mão. Nós fechamo-nos à chave em nossas casas e em nós mesmos. Falsa, Falsa esta noção de caridade. Caridade sem amor.

A mãe medonha, a meter medo aos filhos. O pai no pardieiro com mulheres alheias. O mais pequenino de olhos tristes e barriga grande. O outro na Casa do Gaiato a bulhar com todos os da sua idade. A atitude quase inconsciente de uma nação cristã. Eis a minha insatisfação.

Padre Horácio

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Estas crianças, realmente não têm família: São da nossa marca. Mas, juridicamente, têm-na. (Senão, vejamos: O pequeno vinha. Amanhã, havia necessidade de o emancipar, ou a conveniência, por exemplo, de o mandar para África... — A quem competia dar autorização? — Aos pais. E se estes, pronto o «seu menino» para lhes ganhar algum, se lembrassem de o vir «namorar» e o levassem, inutilizando o esforço de alguns anos, — quem se interpunha? — Ninguém.)

É esta dissonância entre a realidade e as omissões da lei que nos magoa e nos faz hesitar sobre se, recebendo estas crianças realmente abandonadas, não estamos a ser cúmplices das omissões da lei, na multiplicação da miséria.

Setúbal

car as ditas e resolveu o problema. Comprou uma máquina! Era isto que eu queria! Continuo a esperar!...

* «Bonanza» é um hino de autenticidade a esta educação de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

«Bonanza» no seu aspecto físico é muito gordo, mesmo bonacheirão. A sua alcunha vem-lhe da fortaleza. Veio para nós com o seu irmão, «o Joe», na altura em que a T. V. começava a dar os filmes com aquele título.

Do que nós necessitamos

ESTA coluna, já há muito que não sai a lume. Mas não quer dizer que o afluxo de donativos não a justifique. Não senhor! O jornal é tão pequeno, que os artigos de maior actualidade encham-no. Graças ao Pai do Céu, somos e continuamos a ser uma Obra pobre ao serviço dos Pobres. Os vossos donativos são sempre bem recebidos e os vossos sacrifícios muito bem compreendidos.

E começamos com muitas graças recebidas por intermédio de Pai Américo, e 50\$00. 70\$00, 20\$00 e 50\$00. Cadernos escolares da Póvoa de Varzim. Anónimo com 50\$00. Assinante de Rio Tinto envia 100\$00. De Altardo, 100\$00. «De uma amargurada pelo dia 22», 50\$00 mais 50\$00. Para a Rosinha dos pés podres, 20\$00.

De uma doente, 30\$00, entregue por um componente dos «Bairristas do Palácio». Aumento de ordenado, do Porto, trouxe-nos 200\$00. Do «Juventude do Telleiro Futebol Clube», 100\$00. Alguém entregou seu recado e desapareceu. Foi-se a ver, eram 1.000\$00. Da Foz do Douro, 50\$00. Mais 100\$00 de anónimo. De uma mãe e duas filhas, 800\$00, importância referente a aumentos de ordenados em 1964. Santo amor o vosso, uma familiarmente mãe e filhos.

Assinante da longínqua Newark com um cheque de 5 dólares. Anónimo envia 50\$00, sacrificando um passeio. Muitas dadas repartidas para as várias secções da nossa Obra. São os Pobres do Barredo, os doentes do Calvário, as necessidades de todas as Casas do Gaiato e Belém. Todas estas obras não são esquecidas pela multidão de admiradores.

Da Colónia Penal de Grândola, 100\$00, «para minorar um pouco a sua angústia de não ter para dar». Para o Barredo 471\$00 de alguns empregados do Crédito Predial Português, de Lisboa. 31\$40 prémio António Monteiro dos Santos, da Festa Xavier da Mota. 50\$00 de Helena. Do Barreiro, 50\$00. Do Porto, alguém da Rua do Vale Formoso todos os anos aparece no aniversário de Pai Américo com 100\$00. Mais um cheque de 1.500\$00, da Beira, dos empregados da Pendray, Sousa & C.ª.

Assinante 16264 de Braga, pode ter a certeza que sim. Cá

têm chegado as «notícias» mensais. Para ajuda da cama do pequenino António, 100\$00. «Em memória de minha esposa que enquanto viva, cá vinha todos os anos, 850\$00». Cá está a «Amiga da Obra» com duas presenças de 200\$00 e 1.200\$00. Dum Grupo desportivo que nos visitou 65\$00. De graça obtida, 1.000\$00. Assinante 32720 de Moçambique, 50\$00. Mais 150\$ do Porto. Os costumados 75\$00 em selos, da Capital. 100\$00 de M. S. R.. Anónimo amigo de Monte Estoril, envia-nos cheque de 5.000\$00.

De quem em toda a vida não conseguia deixar de ser menos que um zero, 100\$00. Um casal cursista com 50\$00. Maria Helena com 500\$00, e promete voltar. Cá esperamos como e quando desejar. Assinante 6433, 50\$00. Póvoa de Varzim presente com 100\$00. Mais 20\$00 pró Barredo. Lisboa-1 com 50\$00. Viana do Alentejo com 200\$00, pedindo orações. Da Companhia Nacional de Pneus, porta que se encontra sempre aberta aos nossos apelos, 3 pneus para o carro de um inválido. De Anta, 10\$00. Em selos, 20\$00 de Lisboa-2. Trafaria envia-nos 50\$00. «Pela saudade da minha Maria», 50\$00. E de Quelimane 500\$00.

460\$00 dum Senhor que viu Pai Américo aos 15 anos e

junto dos bois tão mansos. Não sou capaz de distinguir qual das naturezas irradia maior mansidão. Ele gosta dos bois. Os bois gostam dele.

«Bonanza» tem-se feito um trabalhador atento e generoso. Quando aperta uma tarefa nas obras do Lar, «Bonanza» é sempre mobilizado, e, de cara alegre, corajoso, aguenta um dia ou uma semana, sendo o estímulo de todos.

Num destes dias em que me deixava vencer pelo desânimo, olhei para «Bonanza» com um balde de massa às costas. Pronto! — pensei eu! Por este vale a pena uma vida — e o desânimo desapareceu.

passados 18 veio satisfazer a promessa, agradecido pelo espírito de fraternidade que recebeu de Pai Américo por tanto tempo. Do sempre presente Sr. Manuel da R. da Corticeira, as ofertas de 3 meses. Roupas de Sanfido Douro, Bairro (Minho Lisboa, Matosinhos, Parque Quelimane e muitos variados pacotes que nos vieram. Espelho da Moda. Aveiro 20\$00. Idem do Porto. «Que Deus me perdoe», de Lisboa 100\$00. E Soure com as presenças habituais de 20\$00, por vezes. Mais amizade da Avó Moscavide, e as costumadas «folhas de alface».

«Um pai de Lourenço Marquês envia 200\$00 do primeiro ordenado de seu filho». De António 3 presenças de 200\$00 cada. Criada Rosa com 20\$00. Portuense Maria, 300\$00. L. com 50\$00. Donativos vários entregues por intermédio de Comércio do Porto, 100\$00 em cumprimento duma promessa e 70\$00 reunidos num mealheiro, no Espelho da Moda. Presenças da encantadora Viar com 200\$00, 300\$00, 200\$00, 200\$00, «para o mais pobre dos Pobres». 20\$00 de «Uma III vense». De «um empregado bancário do Porto», 200\$00.

Mais roupas de Rossio Sul do Tejo, 50\$00 em selos. Abragão. E. D. M. com 20\$00 por duas vezes. De uma professora primária, 50\$00. Para o nosso estudante melhor classificado, um relógio da firma Pinto & Maia, L.da.. Este a coube ao Tavares. Gondom com 100\$00 mais 500\$00. 1 Tomar, «50\$00 sufragando a alma de meu filho». Do Dunc pessoa amiga envia-nos cheque de 2.500\$00. De A. G. os 70\$00 do costume. Mais uma Maria Helena com 20\$00, «da minha primeira lição». Oxalá não canse de as dar! Barreiro com 50\$00 «pelo 8.º aniversário do meu filho». Que o Senhor guie e siga as pisadas do pai. De Lisboa, a Rua da Madalena não falta nunca com os 20\$00 silenciosos. Eles são de todos os meses. Dos pais duma estudante 20\$00. Assinante de Caracas — Venezuela, a certeza de termos recebido o cheque enviado em dólares 33,33, que agradeçemo.

E terminamos com a alegria de uma Mãe, de Lisboa, que nos envia 100\$00 em acção de graças «por nos ter nascido uma filha cheia de saúde e perfeita». Que o Senhor a guarde.

E até à próxima.

Manuel Pin



PELAS CASAS DO GAIATO



A Tipografia comemorou, recentemente, o 15.º aniversário de laboração. Aqui está, por isso, toda a malta em ar de festa — e de bandeira na mão!

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

VEM AI O NATAL — Já falta pouco. E após tanto desleixo em dar notícias, agora é que é impossível resistir.

O Famoso vai sendo pequeno. Cada vez mais pequeno. Todos ou quase todos barregam por espaço. E nós, fraquinhos como somos, frente à míngua dele, hemos caído na tentação de calar o bico. Mas os nossos Amigos é que não! Esses, a minoria, claro, mantem-se em forma apurada.

Ora eu ia a falar do Natal e meti-me por outro atalho! Mas não há dúvida que era imprescindível uma explicaçãozinha.

Entre os nossos irmãos Pobres a expectativa começa a aumentar, por tudo quanto é costume levamos, como recoveiros que somos, da vossa generosidade: Ele roupas, ele calçado, ele mimos, ele notas de banco. E temos esperança, muita esperança que, apesar do silêncio mantido, a maioria desperte com vigor. E não nos deixe de mãos vazias! Que a alma, agradecendo o pouco ou o muito, vítima da pobreza da carne, resente-se nesta altura com a exiguidade. E resente-se porque temos de fazer nossa a dor do Pobre — imagem de Cristo sofredor. Isto é que vale. O resto... nada!

Como a Esperança não é vã e a insensibilidade não é moeda corrente entre a grande massa de leitores do Famoso, confiamos na vossa presença. Não digo de todos. Seria um exagero. De muitos, sim. Venham por aí fora! Por carta, por vale, por outros meios, com notas de banco, roupas ou mimos, não importa. O que importa, verdadeiramente, é a presença. E o Senhor ficará muito grato na pessoa dos nossos irmãos Pobres.

● O que recebemos — O sobrecrito está mesmo a rasgar, de cheio! Mas vamos ver se conseguimos dar nota de tudo.

Vamos abrir com 350\$00 de uma Viuva, de Milheirós, por alma de seu marido. Mais 50\$00 do assinante 26424, de Lisboa. E mais 20\$00 «da velha amiga Rosa», do Porto. E outra vez o Porto com 50\$00 do assinante 289, de Paranhos. E 70\$00 de «Alice Pequena». E 20\$00 de Hermínia. E mais 200\$00 de Coimbra. E 70\$00 de Alfeizerão. E 50\$00 de B. Reis, Lisboa. E 10\$00, do Porto. E 20\$00 do Assinante 13305, com o pedido de desculpa «por este ano ir um bocadinho atrasado». Ó simpatia! Um Médico amigo, das Caldas da Rainha, presente com o amor de sempre e 50\$00 na mão. 20\$00 de uma assinante de Mira. O mesmo de A. F., do Porto. Encantados pela persistência! 80\$00 de Requeixo. 20\$00 da Rua Guilherme Braga, do Porto. 50\$00 de Barcelos. O dobro do assinante 32523. E agora os senhores prestem atenção, muita atenção:

«Venho por este meio, mais uma vez, enviar uma pequenina lembrança, que eu desejava poder continuar a enviar muitas vezes com assiduidade. Esta quantia (20\$00), que é enviada em cumprimento de um voto, deve ser entregue à Conferência Vicentina e destina-se à família mais necessitada.

«Sou um grande desgraçado, que me encontro num momento difícil da minha vida, cheio de pecados,

que por pouca força de vontade não soube evitar.

«Tenho fé em que as orações das crianças inocentes e sem qualquer fermento de maldade, têm todo o mérito perante Deus. E por isso que mais uma vez venho implorar a esmola de uma prece por um amigo dos gaiatos que nada merece pelas suas inúmeras faltas.

«Fazendo votos pelas prosperidades da grande Família constituída pelas Casas do Gaiato, humildemente se subscreve aquele que em toda a sua vida tem sido sempre

um zero».

Que grande testemunho de Humildade! Ele haverá por aí quem fique insensível a este desabafo? Não e não, com certeza. É uma lição; uma grande lição. Faz bem a todos nós — santos, pecadores e áqueles, muitos, fariseus sem «problemas». Obrigado «Zero» pelo seu testemunho.

Mais 40\$00 de Óis da Ribeira. 100\$00 do assinante 3459, do Porto. 10\$00 também da Invicta. O dobro da assinante 12339, de Baltar. E «umas roupinhas bastante usadas, mas talvez dêem muito jeito aos seus Pobres» da conhecida «Viuva do Porteiro». E que jeito elas fizeram! Além disso, esta nossa Amiga enviou depois, ou antes?, 20\$00. Mais 40\$ de um estimado cliente da nossa Tipografia, do Fundão. A «Mãe dum assinante», além da sua casinha do

Património para que desconta, lembrou-se dos nossos Pobres com 40\$00. Mais 100\$00 de outra amiga do Património — Cruz, da Beira. No Lar 5\$00 de «Uma Maria». Que singeleza! Outro cliente da nossa Tipografia a marcar presença; é de Leitões, Mira, e cedeu-nos o remanescente da liquidação do seu débito — 62\$50. Os Clientes da nossa Tipografia são uma categoria! Quanto mais não seja para aturar as nossas burrices... E tantas são elas! Mais outro Cliente!! Um construtor civil do Porto, com 200\$00. Vivam todos eles! Mais 120\$00 da Horta-Faial, pela mão do assinante 19205. E mais 50\$00 da assinante n.º 17740. Retribuo, gostosamente, as saudações para a minha prole. Agora, e graças a Deus, estão todos uma categoria. Olhe que já é uma equipe de hóquei em patins — cinco rapazes! Mais 20\$00 da assinante 9311. Mais 100\$00 de uma assinante do Rio de Janeiro. Mais três presenças de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques — 60\$00. Mais nove delas da assinante 17022 — 360\$00 — que é um modelo de persistência. E, por hoje, é tudo. Na próxima contamos dar conta das respostas ao nosso apelo. Deus queira seja uma longa procissão!

Júlio Mendes

Benguela

● Nossa Aldeia: Já temos marcada a Casa-Mãe, com estacas. Mas como as economias são poucas...

pensa-se em começá-la em Janeiro, mês em que se festejam as «Bodas de Prata» da nossa Obra. Vinte e cinco anos de testemunho da Verdade! Amigos, ajudem-nos a começar com a nossa Aldeia! Se começarmos, será mais um passo em frente, mas nós queríamos que este passo fosse bem dado. E sem a vossa ajuda, ele será como os outros, que damos todos os dias.

Ajudem-nos, pois já falta pouco para o mês indicado.

● Futebol: Há dias, mais um convite para jogarmos no campo do S. de B., contra o Porto. Pelo menos camisolas idênticas àquela equipa tinham. Em físico, mais superiores. Os nossos rapazes são dos catorze aos dezasseis, mas não se deixam ficar com qualquer um. Contudo, vou-lhes dar alguns apontamentos de como decorreu o jogo. Logo aos vinte minutos surge-nos um remate na trave. Essa foi a razão para passados quatro minutos passarmos a vencer por um a zero, golo obtido por «Toi». Mas eles, surpreendidos com este golo, puseram-se mais ao ataque, assim marcaram o empate aos trinta minutos e passaram a vencedores por 2-1 aos quarenta e um. Este foi o resultado verificado ao intervalo.

Começou o segundo tempo e nós não podíamos perder. Assim aos doze minutos, «Toi» apareceu novamente a bater o guarda redes adversário. Estava feito o empate, mas este não nos convinha. Aos vinte e dois minutos Carvalho aumenta para três a dois, com um centro, em que a bola bate nas pernas do adversário e vai às suas próprias balizas. O nosso quarto

golo surgiu aos trinta e um, por Américo, que logo desabafou: «O meu primeiro golo em Angola pela nossa equipa!» Surgem, por fim, aos trinta e três e trinta e nove minutos, os dois últimos golos por «mim» marcados, feitos em contra-ataques rápidos, em que ficou toda a defesa batida. Assim, no final do encontro, Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Benguela, 6 — Porto, 2.

● Em resumo. Estamos há um ano em Benguela. Quando nesta cidade entrámos, deparou-se um campo de futebol no qual ainda não vimos ninguém a jogar. O motivo que me leva a escrever estas linhas, é eu ver aquelas redes ainda boas, a estragarem-se. Ao passo que, se no-las dessem, nós as guardariamos, para as nossas balizas! Podemos ir buscá-las? Haja quem nos levante o dedo, Srs. da «Cuca». Desde já aqui ficam os nossos agradecimentos. Até à próxima se Deus quiser.

João Evangelista

BELEM

● Uma visita — Aqui há um mês veio cá o Senhor Padre Carlos e trouxe por companhia um dos gaiatos. Ao vê-lo ficámos todas contentes, porque há mais de um ano que ele cá não vinha. Trouxeram-nos muitos embrulhos que os senhores do Porto mandam para Paço de Sousa. Ficou cá quase dois dias. De manhã celebrou em Vildemoinhos a Santa Missa, por intenção de Belém e algumas de nós foram assistir.

À noite, no fim do Terço, a nossa Mãe esteve a apresentar-nos uma a uma e foi dizendo os nossos nomes, porque como crescemos muito ele já nos não distinguia bem. No fim demos as boas noites e fomos para a cama. No dia seguinte fomos as mais novas para o pinhal, à caruma, e o Senhor Padre Carlos também foi conosco. O Joaquim até ajudou a Sãozita a fazer o molho. À tarde, quando se foram embora, algumas das que têm irmãos em Paço de Sousa mandaram-lhes recados e coisas. Para o ano queríamos que cá tornasse a vir; mas não se demore tanto, senão deixa outra vez de nos conhecer, pois fazemos conta de crescer mais.

Fernanda

Setúbal

● Arroz — Fizemos a nossa colheita do arroz. Passou dos 60.000 quilos. É um ano inteiro de trabalho e de preocupação. Tu que te regálas de o comer, nem queiras saber o que custa a sua produção. Senhor Padre Acílio que o diga, que dá voltas ao miolo para pagar a sua plantação — uma média de 6 contos por semana. E que dizer das mulheres que andam metidas na faina?

A colheita e debulha foi feita por nós. É o nosso lucro. É a época de mais canseira cá em casa. Uns a ceifar, outros a atar, outros a carregar os molhos, os «Batatas» a ajuntar as espigas soltas, outros na máquina a debulhar e a tirar a palha... Todos compriram e sentiram o dever do trabalho.

● Aníbal, anda na Marinha, a cumprir o serviço militar. Todos os fins de semana, aí vem ele até nós. Podia ir para outro lado; mas não, vem para casa. Nós somos a Família.

Ernesto Pinto

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA pág.

queremos, ao lutar pelos que nos foram confiados, contribuir, na medida em que formos capazes, para instaurar entre os homens um «reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, amor e paz», de que Cristo Rei é penhor.

TEMOS tido o conforto de muitas visitas amigas, de nacionais e estrangeiros. Só estranhámos o silêncio daquele visitante que nos prometeu uma biblioteca, incluindo as próprias estantes. E as Senhoras da M. A. G., já se terão esquecido de nós? O amor exige presença e nós somos muito humanos!

Compreendemos perfeitamente a maneira de se nos dirigirem. Porém, com toda a franqueza, não gostamos nada da expressão «Senhor Director» com que, frequentemente, nos mimoseiam. Vivemos ou pretendemos viver num ambiente fami-

liar, sem barreiras de espécie alguma, em que os laços são exclusivamente os que unem um pai aos filhos e estes àquele, com toda a naturalidade e tom íntimo. Por isso, repetimos, temos relutância em sermos vistos por «Senhor Director» ou sujeitos a tratamentos equivalentes, o que, aliás, é desmentido pela prática. Que o diga o Sousa, quando há tempos ousámos lembrar épocas que não voltam e nos infrometemos num desafio entre Rapazes! Ao outro dia quase não podíamos celebrar Missa! Se se tratasse do «Senhor Director» a coisa seria outra, não acham? E que dizer da sem cerimónia do Pascoela e do Xangai que, precisamente quando alinhavava estas regras nos apareceram à porta do escritório com um carneiro pela mão?! Não, Amigos, não somos nem queremos ser «Senhor Director». E os Rapazes, graças a Deus, pensam o mesmo.

Padre Luiz

